

Aeroporto Yasser Arafat: Um Farol de Esperança

O Aeroporto Internacional Yasser Arafat, originalmente conhecido como Aeroporto Internacional de Gaza, é um símbolo poderoso das aspirações palestinas por soberania, independência econômica e conectividade global. Localizado na Faixa de Gaza, entre Rafah e Dahaniya, próximo à fronteira com o Egito, nas coordenadas 31°14'47"N 34°16'34"E, este aeroporto foi um farol de esperança durante seu breve período operacional, de 1998 a 2001. Desde sua concepção como parte do processo de paz de Oslo, passando por sua era dourada promovendo turismo e intercâmbio cultural, até sua trágica destruição – um ato de terrorismo que violou o direito internacional – a história do aeroporto encapsula os altos e baixos da luta palestina pela condição de Estado. Este ensaio explora a jornada do aeroporto, aprofundando-se em seu impacto socioeconômico, significado simbólico e as ramificações legais de seu fim, baseando-se em relatos históricos e perspectivas culturais para fornecer uma narrativa abrangente.

Concepção e Construção: Uma Visão de Soberania

A ideia de um aeroporto internacional em Gaza surgiu durante o processo de paz de Oslo, no início dos anos 1990, um período marcado por um otimismo cauteloso para a reconciliação entre israelenses e palestinos. O Acordo de Oslo II de 1995 estipulava explicitamente a construção de um aeroporto na Faixa de Gaza, refletindo um compromisso com a autogovernança palestina e o desenvolvimento econômico. O projeto foi liderado pela Autoridade Palestina, com Yasser Arafat, o carismático líder da Organização para a Libertação da Palestina, defendendo-o como uma pedra angular da condição de Estado. O aeroporto foi concebido como uma porta para o mundo, reduzindo a dependência palestina das rotas de viagem controladas por Israel e simbolizando autonomia.

A construção começou em 1997, financiada por uma coalizão internacional que incluía Egito, Japão, Arábia Saudita, Espanha e Alemanha, com um custo total de aproximadamente 86 milhões de dólares. O projeto, elaborado por arquitetos marroquinos e inspirado no Aeroporto de Casablanca, foi executado pela empresa de engenharia de Usama Hassan Elkhoudary, combinando funcionalidade moderna com estética cultural. A infraestrutura incluía uma pista de 3.076 metros, um terminal de passageiros capaz de atender 700.000 passageiros anualmente e uma sala VIP com uma cúpula dourada inspirada na Cúpula da Rocha, completa com uma suíte para Arafat. Decorado com mosaicos de pedra e pinturas islâmicas, o terminal refletia a herança e o orgulho palestino.

O processo de construção foi um equilíbrio diplomático, com Israel mantendo supervisão sobre os protocolos de segurança, incluindo verificações de passageiros e cargas, conforme estipulado nos Acordos de Oslo. Apesar dessas restrições, a conclusão do aeroporto

foi um triunfo, celebrado em 24 de novembro de 1998, com uma cerimônia de inauguração que contou com a presença de Arafat, do presidente dos Estados Unidos Bill Clinton e de milhares de palestinos. A presença de Clinton destacou o apoio internacional, e seu discurso elogiou o aeroporto como um “ímã para aviões de todo o Oriente Médio e além”. O evento marcou um raro momento de esperança, com Gaza emergindo brevemente como um centro de conectividade potencial.

Era Dourada: Turismo, Intercâmbio Cultural e Promessa Econômica

De 1998 a 2001, o Aeroporto Internacional de Gaza, como era então chamado, viveu uma era dourada, embora breve, caracterizada por turismo, intercâmbio cultural e atividade econômica. Operado pela Autoridade de Aviação Civil Palestina, o aeroporto serviu como base para a Palestinian Airlines, com seu primeiro voo comercial para Amã em 5 de dezembro de 1998. Companhias aéreas estrangeiras como Royal Air Maroc e EgyptAir conectaram Gaza a destinos em todo o Oriente Médio e Norte da África, lidando com cerca de 90.000 passageiros e mais de 100 toneladas de carga em 1999. Esse período, antes do início da Segunda Intifada, ofereceu um vislumbre do que a condição de Estado palestino poderia implicar.

Turismo e Intercâmbio Cultural

O aeroporto facilitou um setor de turismo modesto, com a costa mediterrânea de Gaza, sítios históricos e herança cultural atraindo visitantes. Embora blogs de viagem específicos desse período sejam escassos, a relativa calma permitiu a exploração de mesquitas antigas, sítios arqueológicos e paisagens agrícolas. Os palestinos receberam os visitantes com a hospitalidade tradicional, uma característica cultural destacada em relatos posteriores que descreviam a relutância em cobrar por comida de estranhos. A operação do aeroporto possibilitou o intercâmbio cultural, com palestinos viajando ao exterior para trabalho, educação e férias, e visitantes internacionais trazendo perspectivas diversas para Gaza. Relatos da época sugerem uma atmosfera amigável, com interações casuais refletindo abertura.

Impacto Econômico

O aeroporto foi um catalisador para o crescimento econômico, apoiando o comércio e a atividade comercial. Ele permitiu que os palestinos exportassem mercadorias e importassem materiais, reduzindo a dependência de checkpoints israelenses restritivos. Seu papel fomentou esperança econômica, com pilotos recordando o orgulho de pousar o primeiro voo. O aeroporto criou empregos, desde a equipe de aviação até vendedores locais, e estimulou indústrias relacionadas, como a hospitalidade. A culinária de Gaza, com pratos como maqluba, musakhan e sumagiyya, provavelmente encantou os visitantes. Essas experiências culinárias, enraizadas em ingredientes locais como sumagre e produtos frescos, destacaram a riqueza cultural de Gaza.

Significado Simbólico

Além de seu papel prático, o aeroporto era um poderoso símbolo de soberania palestina. Sua inauguração, com a participação de líderes globais, sinalizou o reconhecimento internacional das aspirações palestinas. A cúpula dourada da sala VIP, inspirada na Cúpula da Rocha, conectava o aeroporto ao significado espiritual de Jerusalém, reforçando a identidade nacional. Para os palestinos, a possibilidade de viajar sem supervisão israelense era um sabor de liberdade, reduzindo a humilhação associada a checkpoints e permissões. A existência do aeroporto desafiava a narrativa de dependência palestina, incorporando uma visão de condição de Estado e autodeterminação.

O Triste Fim: Um Ato de Terrorismo e Suas Consequências

A era dourada do aeroporto foi abruptamente interrompida pela Segunda Intifada, que começou em 2000, intensificando as tensões entre Israel e os palestinos. Em fevereiro de 2001, todos os voos de passageiros cessaram à medida que a violência aumentava. Em 4 de dezembro de 2001, aviões militares israelenses bombardearam a estação de radar e a torre de controle do aeroporto, tornando-o inoperante. Em 10 de janeiro de 2002, tratores israelenses cortaram a pista, completando a destruição. Esse ato deliberado de terrorismo, direcionado a uma infraestrutura civil crucial para a conectividade palestina, foi um golpe devastador para as aspirações de Gaza.

Contexto da Destruição

Israel justificou o ataque como uma resposta às atividades militantes palestinas durante a Intifada, alegando que o aeroporto poderia ser usado para contrabando de armas. No entanto, a destruição foi amplamente vista como desproporcional e simbólica, destinada a esmagar a condição de Estado palestino. O ataque fazia parte de uma estratégia mais ampla para manter o controle sobre os movimentos palestinos, com o acordo operacional do aeroporto já o submetendo à supervisão de segurança israelense. Os bombardeios e tratores deixaram o local de 450 hectares em ruínas, com o terminal e a pista danificados irreparavelmente.

Consequências Socioeconômicas

A destruição do aeroporto isolou Gaza, sufocando o turismo, o comércio e o intercâmbio cultural. Os palestinos tornaram-se dependentes de rotas de viagem controladas por Israel, como o Aeroporto Ben Gurion, onde enfrentavam verificações de segurança discriminatórias e relatos de assédio, incluindo assédio sexual de mulheres. O bloqueio imposto por Israel e Egito desde 2007 restringiu ainda mais os movimentos, com a economia de Gaza sofrendo com o acesso limitado a mercados e recursos. As ruínas do aeroporto tornaram-se um símbolo de “esperanças de paz frustradas”, sem voos por mais de duas décadas. A perda de empregos e oportunidades econômicas aprofundou a pobreza em Gaza, com um declínio econômico significativo após 2001.

Impacto Cultural e Psicológico

A destruição do aeroporto foi um golpe psicológico, apagando um símbolo tangível do orgulho palestino. Os residentes lembravam o aeroporto como uma “janela para o mundo”. O ato de terrorismo reforçou os sentimentos de opressão, pois os palestinos foram forçados a navegar por processos de viagem humilhantes, minando a dignidade que o aeroporto outrora proporcionava.

Aspectos Legais: Violações do Direito Internacional

A destruição do Aeroporto Internacional de Gaza constituiu uma clara violação do direito internacional, atraindo condenação de organismos globais. A Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO) repreendeu Israel em março de 2002, citando violações das normas de aviação sob a Convenção de Chicago de 1944, que protege aeroportos civis de ataques militares. Especificamente, o bombardeio violou:

- **Artigo 1 da Convenção de Chicago:** Este artigo enfatiza a soberania dos estados sobre seu espaço aéreo, que o aeroporto representava para a Autoridade Palestina. O ataque de Israel desrespeitou esse princípio, minando a autonomia palestina.
- **Artigo 3 das Convenções de Genebra:** O ataque a infraestruturas civis, como um aeroporto, durante um conflito é proibido, a menos que represente uma ameaça militar imediata. Não havia evidências que sustentassem alegações de uso militar do aeroporto, tornando o ataque um potencial crime de guerra.
- **Direito Humanitário Internacional Consuetudinário:** O princípio da proporcionalidade exige que as ações militares evitem danos civis excessivos. A destruição completa do aeroporto, um símbolo da vida civil e da atividade econômica, foi desproporcional a qualquer suposta ameaça à segurança.

A condenação da ICAO destacou a ilegalidade do ataque, mas não houve consequências significativas, refletindo os desafios na aplicação do direito internacional no contexto israelo-palestino. A falta de responsabilidade alimentou as queixas palestinas, com as ruínas do aeroporto se tornando um ponto de união para demandas por justiça.

Conclusão: Um Legado de Esperança e Tragédia

A jornada do Aeroporto Internacional Yasser Arafat, desde sua concepção até sua destruição, encapsula a luta palestina pela autodeterminação. Concebido como um testemunho dos Acordos de Oslo, construído com apoio internacional e celebrado como uma porta para o mundo, ele transformou brevemente Gaza em um centro de turismo, intercâmbio cultural e promessa econômica. Sua era dourada, marcada pela hospitalidade palestina, beleza cênica e delícias culinárias, ofereceu uma visão de condição de Estado. No entanto, o ato de terrorismo que o destruiu em 2001-2002 – um ataque ilegal e devastador – despeçou esses sonhos, isolando Gaza e violando o direito internacional.

Até 5 de maio de 2025, o aeroporto permanece em ruínas, um lembrete gritante das aspirações não realizadas. Seu legado perdura na resiliência dos palestinos, que continuam a advogar pela liberdade de movimento e soberania. A história do aeroporto não é apenas

sobre infraestrutura, mas sobre dignidade humana, orgulho cultural e a esperança duradoura por um futuro em que Gaza possa novamente acolher o mundo.